



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 15/04/2022 a 21/04/2022

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>15/04/2022</b>	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>18/04/2022</b>	17,14	466,00	79,99	11,20	8,13
<b>19/04/2022</b>	17,16	464,40	80,21	10,99	8,04
<b>20/04/2022</b>	17,46	471,40	80,81	10,88	8,15
<b>21/04/2022</b>	17,48	468,90	81,50	10,68	7,99
<b>Média</b>	<b>17,31</b>	<b>467,68</b>	<b>80,63</b>	<b>10,94</b>	<b>8,08</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	182,00	
RS – Não Me Toque	182,00	
RS – Londrina	173,00	
PR – Cascavel	173,00	
MT – C.N.Parecis	160,00	
MS – Maracaju	174,00	
GO - Rio Verde	164,00	
BA – L.E.Magalhães	169,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	89,00	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	78,00	
PR – Londrina	79,00	
MT – C.N.Parecis	74,00	
MS – Maracaju	75,00	
SP – Itapetininga	85,00	
SP – Campinas	89,00	CIF
GO – Rio Verde	75,00	
GO – Jataí	75,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	94,00	
RS – Não Me Toque	94,00	
PR – Londrina	92,00	
PR – Cascavel	98,00	

Período: 20/04/2022

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 21/04/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	85,25	182,46	93,57

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
21/04/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	74,45
Feijão (saco 60 Kg)	283,33
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,53
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,08**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,23

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Março/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, trabalharam nesta semana, para o primeiro mês cotado, acima dos US\$ 17,00/bushel durante todos os dias úteis. O fechamento da quinta-feira (21) ficou em US\$ 17,48, contra US\$ 16,82/bushel uma semana antes.

Além dos fatores já conhecidos, o mercado trabalhou com a preocupação do clima nos EUA, o qual apresenta situação de seca em muitas regiões produtoras, o que dificultaria o início do plantio da nova safra de soja naquele país. Tanto é verdade que até o dia 17/04 o mesmo atingia a 1% da área esperada, contra 2% na média histórica e também na expectativa do mercado. No ano passado, nesta época, o plantio chegava a 3% da área.

Vale ainda destacar que voltou a piorar o quadro de guerra entre Rússia e Ucrânia, fato que eleva o preço do petróleo, puxando para cima as cotações do óleo de soja, as quais voltaram a superar os 80 centavos de dólar por libra-peso nesta semana, considerando o primeiro mês cotado.

Por outro lado, na semana encerrada em 14/04, os EUA embarcaram 972.509 toneladas de soja, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o ano comercial atual o país exportou 46 milhões de toneladas, ou seja, 17% a menos do que em igual período do ano anterior.

Em tal contexto, a volatilidade do mercado e dos preços continuará muito elevada nos próximos meses, particularmente em função do comportamento climático nas regiões produtoras estadunidenses.

Dito isso, o esmagamento de soja nos EUA subiu em março, atingindo o seu mais alto nível para o terceiro mês do ano, enquanto os estoques de óleo de soja caíram para o menor patamar desde novembro, segundo dados da Associação Nacional de Processadores de Oleaginosas. As indústrias moageiras estadunidenses esmagaram 10,1% acima do registrado em fevereiro e 2,1% acima do processado em março de 2021, atingindo a um total de 4,95 milhões de toneladas no mês passado.

Os esmagadores de soja tinham ampla oferta de soja disponível em março, aproveitando as boas margens e a forte demanda por farelo de soja processado. Muitas indústrias também optaram por manter as taxas de esmagamento altas antes do tempo de inatividade para manutenção das indústrias. Mesmo assim, os estoques de óleo de soja recuaram 7,3% em relação a alta de 22 meses atrás, porém, subiram 7,7% em relação ao estoque total existente no final de março de 2021.

Pelo lado da demanda, a China informou que suas importações de soja, procedentes dos EUA, recuaram fortemente em março, na comparação com o ano anterior. Foram 3,4 milhões de toneladas importadas dos EUA no mês passado, contra 7,2 milhões um ano antes. Os embarques chineses, do produto estadunidense, têm sido menores, indicando uma tendência. Nos últimos três meses os mesmos caíram 30% em relação ao ano anterior, ficando em 13,4 milhões de toneladas. Lembrando que no ano passado as importações estiveram sob influência de um acordo comercial realizado com os EUA, após o conflito comercial entre os dois países nos anos anteriores.

Por outro lado, os dados chineses mostraram que as importações de soja originárias do Brasil, em março, atingiram a 2,87 milhões de toneladas, superando largamente as 315.334 toneladas de março do ano anterior. Com isso, a China trouxe 6,4 milhões de toneladas da oleaginosa do Brasil, no primeiro trimestre, o que corresponde a um aumento de 370% em relação ao volume realizado no mesmo período do ano anterior.

O problema, agora, é o Brasil manter esta performance diante de uma sensível redução em sua atual colheita, devido aos problemas climáticos ocorridos. Além disso, as fracas margens de esmagamento, junto às indústrias chinesas, persiste. Isso freia a compra de soja pelas mesmas. Tal situação se dá pelas perdas que os criadores de suínos chineses vêm enfrentando há algum tempo. Na província de Sichuan, por exemplo, no sudoeste do país, os mesmos perdem cerca de US\$ 37,51 para cada porco criado, fato que reduz a demanda por ração e, por consequência, de farelo de soja. Tais margens, na produção geral de suínos da China, estão negativas desde meados do ano passado.

Enfim, a China anuncia, pelo seu Ministério da Agricultura, um aumento de 25,8% em sua produção de soja neste ano de 2022. A área plantada com a oleaginosa crescerá 16,7%. Em se confirmando esta expectativa, a produção final chinesa de soja chegaria ao recorde de 20,63 milhões de toneladas no corrente ano, contra 16,4 milhões no ano anterior. A ideia é chegar a uma produção de 23 milhões de toneladas da oleaginosa até o final de 2025. Lembrando que os chineses importam, por ano, ao redor de 97 milhões de toneladas de soja, sendo o maior comprador mundial há alguns anos.

Já no mercado brasileiro, os preços da soja voltaram a subir, pressionados por Chicago e por um prêmio nos portos que tem oscilado entre US\$ 1,60 e US\$ 1,90/bushel para abril a julho deste ano. Com isso, o bushel de soja no Brasil fica valendo entre 19 e 20 dólares (Chicago + prêmio), batendo um recorde histórico. A situação só não é melhor porque o câmbio mantém o Real em níveis ao redor de R\$ 4,65 por dólar, ou seja, cerca de um Real a menos do que o registrado um ano antes.

Assim, a semana fechou com a média gaúcha, no balcão, alcançando R\$ 182,46/saco, enquanto nas demais praças os preços giraram entre R\$ 160,00 e R\$ 174,00/saco.

Por sua vez, a colheita da atual safra de soja 2021/22, atingia a 88% da área até o início da corrente semana, superando os 85% da média histórica para esta época do ano, embora o atraso no Rio Grande do Sul, que teria colhido apenas 38% de sua área até o final da semana passada. (cf. Datagro)

Pelo lado das exportações, segundo a Secex, o Brasil teria atingido a 532.500 toneladas até a terceira semana de abril, com um recuo de quase 300.000 toneladas em relação ao mês de abril completo de 2021. Neste sentido, segundo, agora, a Anec, o país deverá exportar 12 milhões de toneladas de soja em abril, e 1,96 milhão em farelo de soja. Em se confirmando estes números, o grão registrará queda no volume, pois em abril do ano passado o mesmo atingiu a 15,7 milhões de toneladas exportadas. Já a Abiove espera que o Brasil exporte apenas 77,2 milhões de toneladas de soja em 2022, devido à menor oferta e a compras chinesas em diminuição. Isso significaria 9 milhões de toneladas a menos do que o volume registrado no ano passado. Enquanto isso, o esmagamento de soja deverá atingir a 48 milhões de toneladas, podendo chegar a um recorde diante da boa demanda pelo farelo e óleo. Para o farelo a Abiove

mantém sua estimativa de exportação em 18,3 milhões de toneladas no corrente ano, com um consumo interno em 18,1 milhões. Para o óleo de soja, a estimativa de exportação é de 1,7 milhão de toneladas e um consumo interno em 7,9 milhões, a partir de uma produção que chegaria a 9,7 milhões de toneladas. Com isso, os estoques finais de soja no Brasil terminariam 2022 em apenas 2,43 milhões de toneladas, após 5,26 milhões no final do ano anterior. Espera-se uma receita recorde na exportação do complexo soja neste ano, com a mesma podendo atingir a US\$ 55,9 bilhões, contra US\$ 48 bilhões em 2021.

Enfim, os operadores de mercado no Brasil estão prevendo que os produtores brasileiros terão um dilema nos próximos meses. Trata-se de como os mesmos irão avançar com sua comercialização para garantir seu fluxo de caixa, espaço para a armazenagem dos grãos e as oportunidades de negócios que poderão ser oferecidas para ambos os produtos. É possível que as exportações nacionais de soja terminem mais cedo, devido a frustração da safra, enquanto o milho ganhe mais força pela perspectiva de uma safrinha recorde neste ano (chega-se a falar em 90 milhões de toneladas). Pelo sim ou pelo não, em tal contexto, a tendência é de os preços da soja ficarem proporcionalmente melhores do que os do milho nos próximos meses. Assim, embora não seja o caso do Rio Grande do Sul e outros Estados do Sul do país, no geral irá faltar espaço para armazenagem na medida em que uma safrinha cheia de milho comece a entrar. Com isso, diante da atual composição de preços, os produtores brasileiros tendem a vender mais milho do que soja para desocupar os armazéns. Entretanto, é importante frisar que a soja brasileira está muito cara neste momento, em comparação ao produto dos EUA e da Argentina, podendo levar a um deslocamento da demanda internacional para estes últimos países com o passar das semanas. Neste quadro, os prêmios no Brasil tenderão a recuar.

Hoje, com o recuo de 11%, em abril, nos preços da soja no mercado brasileiro, devido a valorização do Real, os produtores seguram a soja, pois os custos de produção subiram enormemente enquanto o preço médio está apenas 2% mais elevado do que em abril de 2021.(cf. Rabobank) No caso específico do Rio Grande do Sul, a média de preços no balcão, neste momento, está 9,1% mais elevada do que o registrado na terceira semana de abril de 2021. É muito pouco se considerar que os custos de produção subiram pouco mais de 50%, em termos médios, e houve uma frustração de safra igualmente um pouco superior a 50% no Estado. Vai se confirmando uma importante perda de rentabilidade dos produtores do sul do país em geral e dos gaúchos em particular. Uma ampla maioria, inclusive, irá terminar a corrente safra com resultados negativos, infelizmente.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, para o primeiro mês cotado, romperam o teto dos US\$ 8,00/bushel nesta semana, porém, cederam um pouco na quinta-feira (21), quando o fechamento ficou em US\$ 7,99/bushel, contra US\$ 7,90 uma semana antes. O mercado chegou a atingir US\$ 8,15 no dia 20/04, nível de preço que não era visto desde 2012.

O clima seco nos EUA, prejudicando o plantio naquele país, assim como o recrudescimento da guerra entre Rússia e Ucrânia, estão entre os principais motivos

desta elevação. Neste sentido, o plantio estadunidense da atual safra atingia a 4% em 17/04, contra a média histórica de 6% para este período e 7% semeados no ano passado nesta época.

Por sua vez, os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 14/04, chegaram a 1,14 milhão de toneladas, ficando dentro do patamar esperado pelo mercado. O total já embarcado, no atual ano comercial, soma 33,2 milhões de toneladas, ou seja, 16% a menos do que em igual período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho se mantêm estáveis, em relação as últimas semanas, com a média gaúcha, no balcão, fechando a semana em R\$ 85,25/saco. Em relação ao mesmo período do ano passado, tal preço está apenas 1,2% acima, fato que confirma, também aqui, a forte perda de rentabilidade dos produtores gaúchos, ao se relacionar essa realidade com o forte aumento nos custos de produção e a grande perda ocorrida com a seca nesta última safra. Nas demais praças nacionais, a semana fechou com os preços do cereal oscilando entre R\$ 74,00 e R\$ 85,00/saco.

Já na B3, na metade do pregão da quarta-feira, véspera do feriado nacional do 21/04, os contratos de milho registravam R\$ 91,46/saco para maio; R\$ 92,70 para julho; R\$ 93,50 para setembro; e R\$ 95,20/saco para novembro do corrente ano.

A colheita do milho de verão continua no Centro-Sul brasileiro, tendo atingido a 85% da área até meados de abril, contra 78,9% na média histórica. Por sua vez, o plantio da safrinha nacional está encerrado. Por enquanto, para esta safra, o clima transcorre bem.

No mercado nacional os compradores continuam retraídos, adquirindo pequenos volumes, esperando que os preços recuem ainda mais diante da entrada, logo mais, de uma safrinha cheia. Em São Paulo, por exemplo, a média mensal do produto, até meados de abril, estava 10,4% inferior à registrada em março.

Dito isso, no Paraná, 95% da safra de verão está colhida, enquanto as lavouras da segunda safra apresentam 1% em maturação e 15% em frutificação. 97% das lavouras da safrinha estão em boas condições e 3% em estado médio. (cf. Deral)

Já no Mato Grosso do Sul não houve mudanças em relação as últimas informações, com a área de safrinha recuando 12,6% sobre a do ano anterior, ficando em 2,28 milhões de hectares. Diante de uma produtividade média estimada em 78,1 sacos/hectare, a expectativa de produção local é de 9,34 milhões de toneladas, contra as pouco mais de 6 milhões colhidas na frustrada safra do ano anterior. Neste meados de abril, cerca de 78% das lavouras sul-mato-grossenses estavam em boas condições, 11% médias e os 11% restantes em situação ruim. Até este momento, os produtores locais negociaram 13,2% da futura colheita de milho. (cf. Famasul)

Em Minas Gerais, os negócios seguem lentos, com preços estáveis nas últimas duas semanas, ao redor de R\$ 79,00 a R\$ 80,00/saco no Triângulo Mineiro. Também neste Estado há, agora, preocupação com a falta de chuvas para o melhor desempenho da safrinha e das lavouras de sorgo.

Este clima seco em parte da região central do Brasil pode reduzir as projeções de colheita da safrinha que, por enquanto, estão muito otimistas. A Conab fala em 88,5 milhões de toneladas, sendo que 40 milhões apenas no Mato Grosso. Assim, o mercado já ligou o sinal de alerta climático, prevendo uma colheita da safrinha possivelmente menor do que o inicialmente esperado. O clima nos próximos 15 dias, naquela região, será decisivo. E, segundo avaliação da Rural Clima, partes de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além de Goiás, Minas Gerais e o interior de São Paulo não terão chuvas até o final do mês. Esta realidade, todavia, não atinge o Paraná, o qual vem obtendo chuvas adequadas até o momento. Este Estado espera colher 16 milhões de toneladas de milho em sua safrinha, sendo um recorde.

Enfim, nos 10 primeiros dias úteis de abril o Brasil embarcou 238.383 toneladas de milho, segundo a Secex. Com isso, o volume acumulado do mês já corresponde a 82,1% acima do que havia sido exportado em todo o mês de abril de 2021. A média diária de embarques está 264% acima do registrado em abril de 2021. Já o preço da tonelada exportada subiu 32,1%, passando de US\$ 243,30 no ano passado, para US\$ 321,30 atualmente. Enquanto isso, a Anec estima que o Brasil possa exportar, no atual mês de abril, um total de 850.000 toneladas de milho e mais 155.168 toneladas de trigo.

Por sua vez, o Brasil importou 112.639 toneladas de milho nestes primeiros 10 dias de abril, tendo recebido 45,7% a mais do cereal em relação a todo o mês de abril do ano passado, com a média diária aumentando em 191%. O preço médio de importação subiu 37,4% no período, passando de US\$ 198,90 para US\$ 273,20/tonelada.

Enfim, vale destacar que os prêmios do milho, nos portos de embarques brasileiros, devem sofrer pressão baixista se a safrinha vier cheia. Este fato, além de baixar os preços do cereal para os produtores logo adiante, está fazendo com que os exportadores vendam adiantado o produto, esperando comprar mais barato o cereal logo adiante, para honrar esses compromissos. (cf. Rabobank)

## **MERCADO DO TRIGO**

As cotações do trigo, em Chicago, após ultrapassarem os US\$ 11,00/bushel durante a semana, não se sustentaram e fecharam a quinta-feira (21) em US\$ 10,68/bushel, contra US\$ 10,96 uma semana antes. Mas o mercado continua com viés altista. Isso porque, além da continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, nos EUA o clima continua ruim para o cereal, com o plantio do trigo de primavera atingindo apenas 8% da área esperada, contra a média histórica de 9% e um total de 18% semeado em igual momento do ano passado. Já o trigo de inverno apresenta apenas 30% das lavouras em boas condições, contra 53% um ano atrás. Este patamar de 30% é o pior desde 1996. Cerca de 69% da área de trigo de inverno, nos EUA, estava sob condição de seca, pelo menos até a metade de abril, segundo o USDA.

Em termos de embarques de trigo, os EUA chegaram a 432.253 toneladas na semana encerrada em 14/04, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial o volume atinge a 18,1 milhões de toneladas, ou seja, 18% a menos do que o registrado em igual período do ano anterior.

Enquanto isso, na Rússia, os preços de exportação subiram, porém, o movimento exportador começa a dar sinais de enfraquecimento. Os preços do trigo com teor de proteína de 12,5%, para fornecimento em maio, a partir dos portos do Mar Negro, subiram dois dólares, chegando a US\$ 370,00/tonelada FOB, no final da semana passada. (cf. IKAR) Já a consultoria Sovecon disse que a Rússia exportou 630.000 toneladas de grãos na semana passada, em comparação com 400.000 toneladas na semana anterior, porém, os preços do trigo no mercado interno russo caíram em meio ao enfraquecimento da demanda dos exportadores, que estariam se aproximando do limite de suas cotas e estão preocupados com o aumento do imposto de exportação.

E no Brasil, os preços do trigo se mantiveram estáveis, porém, com leve viés de alta. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 93,57/saco, enquanto no Paraná o produto permaneceu entre R\$ 92,00 e R\$ 98,00/saco.

Enfim, segundo estudo da Fecoagro (RS), pelo preço atual do trigo recebido pelo produtor gaúcho, e considerando o preço do pão francês praticado nas padarias e varejo em abril de 2022, entre R\$ 12,00 e R\$ 13,00/quilo, a participação do trigo grão, comparando com o preço final do pão, é de apenas 14,2%. Se levar em conta o preço atual da farinha, na composição do custo do pão, esse percentual seria de 25,7%. Assim, o restante da composição do custo do pão fica por conta da mão-de-obra, gordura, fermento, energia, embalagens, tributos na cadeia produtiva, entre outros insumos que compõem o custo final da fabricação. Além disso, atualmente há o impacto inflacionário que grassa no país. Acompanhamento da Federação, com base em dados históricos da participação do preço do trigo na planilha de custos do pão, mostra que o impacto do cereal não passa de 20% na composição de preço do produto final. Além disso, importante se faz salientar, segundo ainda o estudo, que o produtor rural, na cadeia do trigo, também sofreu uma inflação de custo de produção nos últimos 12 meses, de 51%, enquanto que o preço recebido pelo saco de trigo teve aumento de apenas 16,7% no mesmo período (a média gaúcha, um ano atrás, estava em R\$ 80,06/saco). Mesmo assim espera-se um aumento na área semeada para o corrente ano.